

O SISTEMA AGRO-SILVO-PASTORIL DA RAÇA SUÍNA ALENTEJANA

A.B. Freitas, J. Neves, J. Nunes y J.M. Martins

Universidade de Évora, ICAM, Dept. de Zootecnia
Apartado 94, 7002-554 Évora
aagbf@uevora.pt

A raça suína Alentejana é uma raça originária do Alentejo, região do sul de Portugal. Desde sempre que esta raça autóctone é explorada em regime agro-silvo-pastoril aproveitando os recursos naturais alimentares, nomeadamente as ervas e os frutos das azinheiras (*Quercus rotundifolia*) e dos sobreiros (*Quercus suber*).

Após décadas de marginalização face aos modelos produtivos dominantes, que privilegiaram as raças melhoradas e os incrementos constantes de produtividade, este sistema readquiriu importância e, actualmente, a produção de porco Alentejano é uma actividade promissora visando, por um lado, o fornecimento de matéria prima para as indústrias nacional e espanhola de presuntos e enchidos e, por outro lado, a produção de carne para consumo em fresco.

O presente trabalho tem como objectivo analisar a fileira de produção da raça suína Alentejana desde as actuais modalidades de exploração até aos produtos certificados, destacar a importância da alimentação da montanha na qualidade da carne e dos produtos transformados e perspectivar a importância futura desta raça na produção sustentável de suínos no Alentejo e em Portugal.

INTRODUÇÃO

O Alentejo é uma vasta região do sul de Portugal de extensas superfícies de fraco declive, com solos pobres ou muito pobres, fortemente degradados, com um elevado número de grandes propriedades onde a produção pecuária predomina sobre a produção vegetal. Nesta região, que ocupa cerca de dois terços da área total de Portugal Continental e onde existem cerca de 1 136 milhares de hectares de montados de azinheiras (*Quercus rotundifolia*) e sobreiros (*Quercus suber*), a produção extensiva de suínos está historicamente associada à utilização da raça suína Alentejana, raça autóctone perfeitamente adaptada às irregularidades climáticas (Verões quentes e Invernos frios) e ao aproveitamento dos recursos alimentares naturais.

Desde tempos remotos que o porco Alentejano é explorado em regime extensivo, num sistema agro-silvo-pastoril (BERNARDO LIMA, 1985), que terminava com a montanha - engorda intensiva dos animais nos montados de azinho e sobreiro, durante os três ou quatro meses que decorriam entre o final de Outubro, princípios de Novembro, a fins de Fevereiro (CARVALHO, 1964). A convicção de que o porco Alentejano é o animal que melhor aproveita e valoriza os frutos dos montados (bolota), é claramente salientada num velho ditado popular que afirma que *a natureza criou a bolota para os porcos, e que os porcos nasceram para a bolota* (PICÃO, 1944).

A raça suína Alentejana e o sistema de montanha foram extremamente importantes na produção, comércio e industrialização da carne de porco de Portugal até meados dos anos cinquenta do século passado. Entre 1950 e 1990, os efectivos desta raça diminuíram drasticamente, correndo-se o perigo da raça se extinguir (das 40 000 porcas reprodutoras que existiam em 1955 restavam cerca de 3 400 em 1989). A alteração dos hábitos alimentares, o aparecimento da Peste Suína Africana e a aposta nas raças melhoradas para incrementar a produção (FREITAS, 1998), conjuntamente com o êxodo rural, e o incremento das áreas cultivadas com cereais e da mecanização foram determinantes para a diminuição dramática dos efectivos e o abandono de vastas áreas de montado (NUNES, 1993).

A reforma da Política Agrícola Comum, em 1992, ao defender sistemas de produção animal ambientalmente correctos, tecnicamente apropriados, economicamente viáveis e socialmente aceites (QURESHI, 1993) possibilitou um aumento significativo das explorações suínas extensivas, por toda a Europa. Também os consumidores, ao disporem de maior poder de compra, passaram a exigir mais qualidade e ficaram mais sensibilizados com o impacto ambiental e o bem estar animal inerentes ao